

5.

Conclusão

A vitória das paixões partidárias: o exílio dos sábios

Ao fim do último capítulo, comentamos que as proposições de Couto de Magalhães partiam de um compromisso moral. Em certa medida, essa moral era comum aos sócios e está implícita em cada capítulo que passamos. No primeiro, ao comentar a Revista, seja pela breve análise das *memórias* (como proposições sobre os melhores meios de promover o progresso), seja pela proximidade entre a história do IHGB (construída pelos próprios sócios) e a presença do Imperador, transparecia o compromisso com o futuro e passado do Império, um compromisso que, por zelar pela razão e pela ordem, se opunha à ação partidária que inspirava as paixões violentas, que tanto marcaram as regências (como vimos em Moreira de Azevedo). Um compromisso que talvez seja herdeiro das primeiras definições do que é ser brasileiro²⁴⁵, zelando pelos limites e pela centralização necessária para se evitar a guerra civil ou a desintegração da unidade territorial. Um compromisso, nesse sentido, moral, que se afasta da atividade política, entendida como atividade partidária. Como já foi comentado por Koselleck²⁴⁶, a construção do *tempo moderno* se deu em um contexto em que o desenvolvimento moral, que compreende o papel de certos homens dentro de uma sociedade e Estado, é separado da política em um movimento onde a crítica, como instrumento da moral, submete a política ao juízo da razão. Assim, abrandar os ânimos, respeitar a razão, dar continuidade a debates anteriores são faces da moral particular a esses sócios do IHGB comprometidos em se distanciar das tergiversações políticas.

O que nos leva a considerar que, embora até aqui não tenhamos constituído uma narrativa em que o passar do tempo é marcado por inflexões que se dão por um processo (uma revolução ou crise seriam casos típicos), o argumento se constrói por dois conceitos que investigam, sobretudo, o *tempo*

²⁴⁵ C.f. MATTOS, Ilmar Rohloff. Um “País Novo”: a formação da identidade brasileira e a visão da Argentina. **A visão do Outro**. Seminário Brasil-Argentina. Brasília: FUNAG, 2000.

²⁴⁶ Além de diferentes artigos que vêm sendo citados, vale destacar o quinto ponto do segundo capítulo de **Crítica e Crise**.

*histórico*²⁴⁷. As referências constantes ao *espaço de experiências* e aos *horizontes de expectativa* se devem à busca por um tempo particular aos textos e aos autores, pelo qual é possível tratar de *extensões e intensidades*²⁴⁸. Parece, nesse sentido, que a periodização, antes do Imperador (o passado) e depois do Imperador (o presente), sugere uma desaceleração do tempo, o que torna a idéia de progresso dos sócios que comentamos muito particular. Usualmente, pelo menos nos textos de Koselleck que foram citados, o progresso parte de idéias e expectativas de futuro que orientam a ação no presente. Assim, ao formar uma idéia de futuro e os meios de alcançá-la, deveria-se experimentar uma aceleração. No entanto, os sócios do IHGB estavam comprometidos com um tempo que pretendia, sobretudo, a continuidade. A possibilidade de progresso deveria se dar de forma desacelerada, sem movimentos que pudessem romper o período no qual estavam. Nesse sentido, chama a atenção um artigo, publicado na Revista, que constitui a resposta a um debate travado fora do IHGB.

Joaquim Norberto publicava na Revista de 1881 **O Tiradentes perante os historiadores oculares de seu tempo**²⁴⁹, cujo subtítulo era: **Resposta a um injusto reparo dos críticos da Historia da Conjuração mineira**. Este artigo, como o próprio subtítulo sugere, era uma resposta às críticas feitas por autor anônimo ao livro de Norberto **História da Conjuração Mineira**. A crítica,

²⁴⁷ KOSELLECK, Reinhart. “Espaço de experiência” e “horizonte de expectativa”: duas categorias históricas. In: **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Contraponto, 2006.

²⁴⁸ “Todo o trabalho de Reinhart Koselleck com a Begriffsgeschichte (história dos conceitos) foi realizado a partir de dois parâmetros centrais. O primeiro é a idéia de que a descontinuidade histórica pode ser localizada por meio da análise conceitual. (...) Além disso, a linguagem pode ser o contexto de origem de uma descontinuidade histórica que, então, se irradia da linguagem para os acontecimentos e as instituições”. (Motzkin: 2006, 77). Esses “parâmetros centrais” compreendem, para Motzkin, a apropriação mais usual da obra de Koselleck onde se assume que a linguagem pode tanto indicar quanto promover uma descontinuidade histórica. Com a intenção de conferir maior densidade a tais parâmetros, Motzkin apresenta duas variações temporais implícitas na forma com que Koselleck lida com conceitos. Os conceitos, nesta chave interpretativa, variam temporalmente em: *extensão*; e *intensidade*. Quando uma descontinuidade histórica é localizada na análise conceitual, o pesquisador está identificando a *extensão* temporal do conceito, ou seja, seu nascimento (que não tem necessariamente uma data precisa) e sua apropriação por um grupo ao longo de certo tempo. O que pode servir como um dos parâmetros de definição de um período. Quando um conceito inspira a ação no seu presente, ele o faz em *intensidades* variadas. “O chamado à ação, que está algumas vezes implícito num conceito, é freqüentemente mediado pelo senso de temporalidade que ele comunica à sua audiência” (MOTZKIN: 2006, 78). *Aceleração e desaceleração* remetem diretamente ao que Motzkin chamou de *intensidade*. Nesse sentido, pensamos o *tempo histórico* nestas duas direções: enquanto circunscrito em uma duração, definido por uma *extensão*; e enquanto meio de identificar as pontes que existem entre o pensar e a *intensidade* da ação que particular a esse tempo.

²⁴⁹ SILVA, Joaquim Norberto de Souza e. **Tiradentes perante os historiadores oculares de seu tempo**. 44 (62): 131-186, 1881.

publicada no jornal *A República*, mirava o argumento de Norberto, no qual Tiradentes teria sido tomado por uma inspiração religiosa ao fim da vida, abrindo mão de suas aspirações patrióticas. Tiradentes, assim, ao invés de morrer com o brado “Viva a liberdade!”²⁵⁰, morria beijando os pés de seu carrasco pedindo perdão a Deus. A crítica impressa em *A República*, porém, não se dirigia apenas ao argumento de Norberto, acusado de fraudar documentos, mas, também ao uso que dela se fez como oposição à construção de uma estátua em homenagem a Tiradentes, que foi proposta, segundo o próprio Norberto, por um conjunto de jovens. À parte a polêmica se Tiradentes haveria de ser símbolo²⁵¹ ou se seria redundante comentar a qual partido estava filiado o periódico *A República*, chama a atenção o recurso pelo qual Norberto justificava sua posição: os documentos que coligiu, escritos por “historiadores oculares”. Assim, Norberto produzia um argumento político sem, no entanto, assumir uma postura partidária, pois sua motivação (pelo menos a explícita) era descobrir a verdade, recuperada por um fragmento digno de confiança, logo capaz de fazer com que se acesse a verdadeira face de Tiradentes. Nesse sentido, deixava claro que não haveria duas verdades sobre certo assunto, ou, ainda, que não haveria prejuízo maior para a Nação do que a mentira: a eleição de um falso mártir. À serviço da razão, Norberto reafirmava que o compromisso com a Nação não era partidário, mas moral, pois apenas revelava a verdade.

De forma semelhante, em 1888, na comemoração do quinquagênio do Instituto Histórico, após Joaquim Norberto²⁵², Presidente do IHGB na época, ter saudado toda a família imperial, especialmente o jovem príncipe Pedro que pela primeira vez participava de uma sessão do Instituto, João Severiano da Fonseca²⁵³, substituindo o recém falecido Franklin Távora, apresentava seu Relatório narrando a história do Instituto. Ambos os discursos comentavam a importância de Cunha Mattos e de Januário na fundação do IHGB, que, se não fosse pela

²⁵⁰ SILVA, Joaquim Norberto de Souza e. **Tiradentes perante os historiadores oculares de seu tempo**. 44 (62): 135, 1881

²⁵¹ C.f. SIMAS, Luiz Antônio. **O evangelho segundo os Jacobinos**: Floriano Peixoto e o mito do salvador da república brasileira. (Mestrado em História) UFRJ/IFCS. Rio de Janeiro, 1994.

²⁵² SILVA, Joaquim Norberto de Souza e. **Discurso de abertura pelo presidente o Sr. Comendador Joaquim Norberto de Souza e Silva**. 51 (78): 5-13, 1888. Suplemento em homenagem ao quinquagênio do IHGB.

²⁵³ FONSECA, João Severiano. **Relatório apresentado pelo 1º Secretário interino Dr. João Severiano da Fonseca**. 51 (78): 15-38, 1888. Suplemento em homenagem ao quinquagênio do IHGB.

proteção imediata do Imperador, teria se perdido. Reafirmavam a importância da Revista, por corrigir pontos obscuros da história nacional, por divulgar a ilustração e educar aos cidadãos, por apresentar diferentes contribuições sobre a “pré-história”²⁵⁴ nacional e importantes trabalhos etnográficos que impediam que se esquecesse que “muitas tribos foram nossas aliadas, combateram por nós e fundiram-se, afinal, em nossas populações”²⁵⁵.

Se tais discursos, portanto, reincidem no que foi comentado ao longo dessa dissertação, a **Alocução** de Visconde de Taunay²⁵⁶, com a qual abrimos a introdução, traz um último ponto. Taunay, enaltecendo o ano de 1888 pela conquista da abolição, dizia: "E jamais, em todas as páginas da nossa história laços mais íntimos, nem ligações mais estreitas, prenderam o nobre povo brasileiro, que os experimentava, ao excelso trono em que se assenta a augusta família de V. M. Imperial"²⁵⁷.

Em seguida, por um artifício, dirigia-se ao “grande republicano” Castellar que “afirmara aos mundos, que o trono brasileiro assentava os alicerces nos negros e repulsivos paués da escravidão”²⁵⁸. Em seguida, seu argumento se desenvolve em uma dúvida sobre a escolha pela República, pois a abolição aparecia como confirmação de que a monarquia era a forma de governo mais apropriada. “Conseguidos os almejados fins poderá a monarquia confiantemente perguntar á república: ‘Que mais quereis? Que horizontes novos mostrais ao patriotismo e ao desinteresse? Apontai-os e em busca deles logo partirei’”²⁵⁹. Não existia, por fim, no discurso de Taunay, a expectativa imediata do fim da monarquia, pelo contrário, a República só acontecia em sua fala no momento em que um descendente distante de D. Pedro II

inspirado nos sentimentos de honestidade e altaneira da sua egrégia origem e estirpe, não se lhe dará de descer os degraus do solo imperial para fazer subir essa mulher simbólica que tanto fanatiza os paladinos de um ideal não raramente enganoso e mistificador.²⁶⁰

²⁵⁴ SILVA, Joaquim Norberto de Souza e. **Discurso de abertura pelo presidente o Sr. Comendador Joaquim Norberto de Souza e Silva**. 51 (78): 5, 1888. Suplemento em homenagem ao quinquagenário do IHGB.

²⁵⁵ Ibid., p. 5

²⁵⁶ **Alocução pelo sócio Honorário o Sr. Senador Alfredo de Escragnolle Taunay**. 51 (78): 39-47, 1888. Suplemento em homenagem ao quinquagenário do IHGB

²⁵⁷ Ibid., p. 39.

²⁵⁸ Ibid., p. 41.

²⁵⁹ Ibid., p. 43.

²⁶⁰ Ibid., p. 43.

Mesmo assim, essa “mulher simbólica” se consternaria frente à figura da Imperatriz que “redimiou os desgraçados escravos”²⁶¹. O juízo sobre a monarquia, então, partia de seus resultados, não de uma escolha partidária que, por sua natureza, não seria sábia. Dentro desse argumento, escolher outra forma de governo não se justifica, na medida em que a monarquia constitucional permite que a razão alce seu vôo sem comprometer a ordem (o que seria pouco provável em um debate entre partidos sobre os meios de se alcançar o progresso, uma vez que o debate partidário, por si, tenderia às *paixões violentas*, operando como semente da *anarquia*). Nesse sentido, se o futuro, mesmo quando se proclamasse a República, manter-se-ia consciente dos sucessos da família imperial, era aos grandes homens do passado a quem Taunay se dirigia.

Sendo orador, sua função era enaltecer os sócios falecidos e assim o fez. Taunay se dirigia à cada sócio, que com poucas palavras dignificava, perguntando-lhes se os sócios que ali estavam eram dignos de seu legado. Após ter passado por Januário e Cunha Matos, Gonçalves Dias, Fernandes Pinheiro, visconde de São Leopoldo, Barão de Porto Seguro, dizia: “Vêde, vêde o que temos feito, pesai bem os nossos esforços, avaliari as nossas intenções, as lutas que tivemos que sustentar, o desânimo que foi preciso vencer”²⁶². As experiências passadas, por seus inegáveis bons trabalhos, podiam orientar o juízo sobre o presente e, caso fossem favoráveis, justificar sua continuidade. Se existia uma distância entre Taunay para com os juizes egressos a quem se dirigia, um elemento sem igual era capaz de uni-los.

Por circunstâncias que raras vezes se repetem, é o Imperador o elo vivaz que nos prende a vós todos, vós que nas múltiplas situações da vossa existência, já nas letras, já nas ciências, já no magistério, já na diplomacia, já nos mais altos cargos do Estado, desfilastes ante a Sua presença e por Ele fostes julgados na medida do vosso saber e patriotismo.

Pois, bem, o Sr. D. Pedro II é o vosso e o nosso juiz; e atentai bem - o Seu comparecimento hoje entre nós é o sinal mais certo e precioso, mais irrecusável, de que não temos desmerecido na missão que nos foi confiada e soubemos salvar todos os princípios e tradições que formam o opulento relicário desta nobre Associação²⁶³.

Taunay, ao fim de seu discurso, integrava passado, presente e futuro pela figura do Imperador. Indicava que este era um juiz satisfeito com toda produção

²⁶¹ Ibid., p. 43.

²⁶² **Alocação pelo sócio Honorário o Sr. Senador Alfredo de Escragnolle Taunay.** 51 (78): 46, 1888. Suplemento em homenagem ao quinquagenário do IHGB.

²⁶³ Ibid., p. 47.

do IHGB “já nas letras, já nas ciências, já no magistério...” que, por fim, atestava a qualidade do próprio Império. Frente a tal imagem, tendo em vista que quando o futuro se torna um passado distante, torna-se muito simples retirar dele qualquer expectativa, colocamos que, pela Revista, a data 1889 não é compreensível. Para os sócios do IHGB, a perda da Monarquia foi mais do que o fim de um período, marcou o isolamento do Instituto da vida pública, na medida em que esses homens, que percebiam razão e ciência como antagônico de qualquer escolha partidária, se afastavam de um mundo onde as *paixões violentas* pareciam ser vitoriosas.

Valendo-se do mesmo vocabulário pelo qual Moreira de Azevedo comentou as regências, José Alexandre Teixeira de Mello, 1º secretário do IHGB, iniciava seu **Relatório**²⁶⁴ sobre a produção dos anos de 1889 e 1890 com estas palavras:

Senhores.- Achamo-nos em um campo neutro, onde não entra a política com as suas tergiversações e sutilezas. Lá fora esbraveja de noite e de dia o ruído dos interesses desencontrados e antagonistas; o sorriso que mascara o rancor e o despeito; a frase açucarada que encobre o pensamento; o patriotismo, que é santo e nobre, encarado por prismas diversos. Aqui o silêncio de que medito; a paz e a serenidade de ânimo do que se afadiga por honrar o renome nacional, zelado o renome de seus filhos ilustres e arquivando os fatos memoráveis da historia pátria.²⁶⁵

Situando-se ainda como herdeiro de um passado glorioso que deve ser preservado, Teixeira de Mello reafirmava seu compromisso com a herança que tanto marcou a **Alocução** de Taunay. Distanciava a razão da política, ciência de partido e, assim, compreendia esse novo presente de forma não muito distante pela qual Moreira de Azevedo comentava as regências. Frente à perda do Império (e do acesso direto ao Estado), reafirmavam seu compromisso com a Nação.

Sobrevive como dúvida que não se conclui, além da inegável continuidade do IHGB, a presença de Floriano Peixoto e de Prudente de Moraes nas sessões de aniversário do Instituto de 1893 e 1894 respectivamente, nas quais foram feitas verdadeiras odes ao Imperador. Chama a atenção, ainda, a *memória* de Araripe sobre **Três cidadãos beneméritos da República**²⁶⁶, na qual Benjamin Constant, Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto são eleitos os responsáveis pela

²⁶⁴ MELO, José Alexandre Teixeira de. **Relatório do 1º secretário Dr. Jozé Alexandre Teixeira de Mello**. 53 (82): 561- 83, 1890

²⁶⁵ Ibid., p. 561.

²⁶⁶ ARARIPE, Tristão de Alencar . **Três cidadãos beneméritos da República**. 60 (95): 385-396, 1897.

instauração pacífica da República. O mesmo Araripe comentaria a vocação republicana nata da Nação em algumas **Indicações sobre a história nacional**²⁶⁷, sem, no entanto, valorizar a vida ativa da Rua que a consentiu. E, assim, voltamos ao ponto que iniciou a dissertação: “A pedra rolou do alto da montanha e não se sabe onde irá parar”.

²⁶⁷ Idem. **Indicações sobre a história nacional**. 57 (90): 259-290, 1894.